

QUANDO A MEMÓRIA É UM CAMPO DE BATALHA: ENVOLVIMENTOS PESSOAIS E POLÍTICOS COM O PASSADO DO EXÉRCITO NACIONAL*

Alistair Thompson**

Tradução: Simoni Geraldese
*Revisão Técnica: Dea Fenelon****

Durante a última década pesquisei as memórias australianas da Primeira Guerra Mundial, explorando as recordações dos veteranos de guerra, a lenda popular nacional de “Anzac”, e a relação entre memórias pessoais e lenda nacional. Em 1994, concluí essa pesquisa com a publicação de *Anzac memories: living with the legend*.¹ Durante todo o projeto surpreendi-me com a dimensão e a intensidade do comprometimento (“envolvimento”) emocional e político no tema de minha pesquisa. Neste artigo, irei explorar estes envolvimento de três perspectivas, as quais são pertinentes a historiadores orais que trabalham em outros contextos e países. Meu envolvimento pessoal na memória dos australianos na guerra propõe para historiadores orais a pesquisa de temas que se referem às nossas próprias identidades, e ressalta questões sobre o papel e o padrão da memória dentro das famílias. Meu trabalho sobre Anzac causou indignação entre historiadores e na imprensa popular, e revelou as relações entre memória e história e entre história oral e controvérsias sobre memória popular. Por fim, minhas entrevistas tiveram um impacto significativo nas vidas de alguns dos veteranos que entrevistei,

* Comentários a partir dos desdobramentos em torno de *Anzac memories*, que o autor comenta, em parte, no texto publicado na revista *Projeto História* nº 15, sob o tema “Ética e História Oral”.

** Professor da Universidade de Sussex.

*** Professora do Departamento de História da PUC-SP.

1 Melbourne, 1994.

afirmando mas também contestando suas recordações e identidades — propondo dilemas sobre a natureza da relação estabelecida pela história oral e sobre o papel do historiador oral.

A pauta psíquica e social do historiador oral

Nos últimos anos, pesquisadoras feministas, especificamente, desmascararam as idéias positivistas sobre o pesquisador neutro e objetivo e instigaram os pesquisadores a explorar seus próprios envolvimento subjetivos no projeto de pesquisa.² Quais são as motivações inconscientes ou explícitas que nos levam às nossas pesquisas? Quais os temas que exploramos de nossas próprias vidas e que necessidades psíquicas e sociais encontramos através do processo de pesquisa? Como será que nossas pautas conscientes e inconscientes formam nossa relação pesquisa-descobertas? Essas questões são pertinentes a toda pesquisa, mas são especialmente enfocadas na história oral, a qual requer uma relação direta, pessoal entre pesquisador e pesquisado, e na qual o pesquisador cria e analisa sua fonte primária — a narrativa oral. Na tentativa de responder algumas dessas questões sobre meu próprio projeto de pesquisa e história oral com veteranos de guerra australianos, escrevi uma introdução autobiográfica para meu livro, a qual pode ser resumida como segue abaixo.

Tive uma infância militar. Durante os primeiros doze anos de minha vida, de 1960 a 1972, meu pai foi oficial de infantaria graduado no exército australiano. Com meus dois irmãos, cresci em quartéis em diferentes partes da Austrália e do mundo. Ficávamos rodeados de soldados e de suas atividades. Minhas recordações mais antigas são daqueles homens em fardas engomadas de cores cáqui e verde passando em revista nos quarteirões de asfalto, marchando e mudando de direção, seguindo os comandos. Gostávamos do espírito de soldado dos garotos australianos (as garotas raramente estavam incluídas em nossas brincadeiras). Durante o dia, apostávamos corrida no pátio da escola no meio das valas de concreto; quando famos para casa, brincávamos de guerra por uma hora. antes do chá.

2 Veja Anderson, K. e Jack, D. C. "Learning to listen: interview techniques and analysis". In Sherma Gluck, B. e Patai, D. *Women's Words. The feminist practice of oral history* (New York, 1991); Ann Daldey, "Interviewing Women. A contradiction in terms". In Helen Roberts (ed.). *Doing feminist research* (London, 1981), pp. 30-59; Stuart, M. "And how was it for you, Mary?", "Self, Identity and Meaning for Oral Historians", *Oral History*, 21, 2, outono de 1993, pp. 80-83.

Naquela época, sabíamos que os australianos formavam os melhores soldados. Os heróis de meus desenhos de guerra feitos com lápis de cera sempre usavam *caps*, e quando brincávamos de guerra, vestíamo-nos com as roupas de cor cáqui dos sentinelas ou dos exploradores de matas do Exército Australiano. É claro que os australianos sempre venciam. À medida que crescíamos, essa fantasia nacional ganhava confirmação histórica. Líamos a história de *Gallipoli*³ em uma publicação periódica popular de história em quadrinhos sobre os heróis australianos: navegadores, exploradores, pioneiros e soldados. Durante o feriado nacional de Anzac Day — comemorando a chegada do Anzac (*Australian and New Zealand Army Corps*)⁴ em Gallipoli, em 25 de abril de 1915 — ouvíamos os discursos sobre o “batismo de fogo” nacional.

As histórias de família também contribuíram para o meu conhecimento sobre os australianos na guerra. Os soldados dominavam a mitologia da família durante minha infância; dois eram lembrados como heróis, mas um terceiro representava uma recordação vaga. Meu tio-avô, Boyd Thomson, era filho de uma família pastoral e um promissor arquiteto e poeta. Quando a relação de baixa de Gallipoli chegou na Austrália, em 1915, Boyd decidiu se alistar. Ele escreveu um poema “Para a Escola-Mãe”, justificando sua decisão:

Você desejaria para seus filhos um desígnio mais venturoso
Que aquele de um homem que parte para a morte
Para uma convicção que representa mais do que uma mera
Palavra para uma convicção que queima como chama ardente?
Mãe, que você me abençoe, adeus!

Boyd Thomson morreu em *Somme*⁵ em 1916, antes que pudesse recordar suas experiências de guerra. Seus colegas de escola da Scotch College fizeram um folheto comemorativo de seus poemas. Em 1980, encontrei seu túmulo quando passava pelos campos de batalha da França. A família havia escolhido uns dizeres para sua lápide:

3 Uma região na Turquia, onde uma batalha pelos aliados, incluindo soldados da Austrália e Nova Zelândia, ocorreu durante a Primeira Guerra Mundial. A batalha terminou sem sucesso para os aliados: “A chegada a Gallipoli”.

4 Corpo do Exército da Austrália e Nova Zelândia.

5 Uma região ao Norte da França na qual ocorreram várias batalhas durante a Primeira Guerra Mundial. Muitos soldados morreram lá devido à própria guerra ou às péssimas condições no campo de batalha.

Ele partiu.
Para morrer por uma convicção
Que é mais
Que uma mera palavra.

A morte preservou o significado da vida de Boyd Thomson. Quando era estudante na Scotch College em Melbourne, orgulhava-me de ler seu nome no Registro de Honra da escola. Sua memória tornou-se uma tradição sentimental em minha família, e meu pai lia para nós os poemas do tio que ele nunca conheceu. Boyd representava um talento que nunca pôde ser superado, mas sua memória também sustentava os valores de sua família, sua escola e sua classe social, e acima de tudo, o compromisso para com a nação e uma causa justa.

Em contrapartida, a guerra de meu avô, Hector Thomson, primo de Boyd Thomson, que também estudou no Scotch College, raramente era mencionada. Quando criança contavam-me que, em 1914, entusiasticamente, ele deixou uma estância afastada em Queensland para se alistar em Light Horse e recebeu uma medalha por bravura. Mas isso era tudo que ouvia. Hector contraiu encefalite malárica quando servia em Jordan Valley. Como conseqüência, quando retornou para a Austrália, freqüentemente ia para o Repatriation Hospital. Depois que sua esposa morreu ele se esforçou para criar seus dois jovens filhos e enfrentar a situação de uma fazenda arruinada na Depressão dos anos 30. Uma das poucas lembranças vivas de meu pai de sua infância era dele e de seu irmão mais novo usando as medalhas de guerra de Hector na escola, no Anzac Day. Eles possuíam a maioria das medalhas. A maior parte de suas vidas foi difícil e infeliz. Hector morreu antes que eu nascesse e seus filhos raramente falavam sobre ele; eles tinham poucas lembranças alegres para contar.

Meu outro avô, John Rogers, estabeleceu uma relação mais viva e nítida com o passado dos soldados da Austrália. Em 1914, ele se alistou na AIF (*Australian Imperial Force* [Tropa Imperial Australiana]) como soldado raso. Após a chegada a Gallipoli, rapidamente foi promovido em seu batalhão de contingente reduzido, conseguindo sobreviver a esta campanha e aos horrores da França, virtualmente ileso para terminar a guerra como Capitão no estado-maior do Corpo de Exército Australiano. Ele postergou uma carreira de negócios de sucesso, em 1939, para reingressar no exército, e concluiu sua carreira militar em 1945, como Brigadeiro e Superintendente da Inteligência do Exército. Nós, netos, nunca nos cansávamos das histórias de papai sobre as singularidades e aventuras da guerra. Ele se lembrava da astúcia do Anzac na evacuação de

Gallipoli, ou das vitórias australianas na França em 1918. Guardava as lembranças chocantes da guerra para si, preferindo contar casos engraçados sobre os atrevidos e animados *diggers*⁶ — como eram chamados os soldados australianos — que tratavam com desdém o posto militar e o protocolo, mas eram os melhores combatentes da guerra. No Anzac Day o assistíamos marchando, formalmente, mas com orgulho, cercado por seus companheiros do 6º Batalhão.

Minha família e os mitos culturais revelam a natureza seletiva da lembrança da guerra. Nesta versão, a guerra é fascinante e heróica; na pior das hipóteses, uma época difícil compartilhada com bons companheiros. Os memoriais públicos e os rituais de comemoração transformam a dor pessoal e a tristeza, e justificam a morte como um sacrifício pelas causas da liberdade e da nação; “seus nomes vivem para sempre” para lembrar-nos das qualidades nobres e realizações primorosas. Esta mitologia de guerra também define uma identidade nacional seletiva. Das histórias de guerra e comemorações, aprendi que os australianos, representados pelos soldados australianos, eram os aventureiros corajosos e habilidosos do Novo Mundo, e que os Anzacs instituíram a nacionalidade australiana.

Os mitos de minha família sobre a guerra também mostram como apenas algumas experiências são enfocadas na lembrança, enquanto outras são reprimidas ou silenciadas, e como algumas recordações “pessoais” alcançam significado “coletivo”, tanto dentro da família quanto fora dela. Por exemplo, como um proeminente soldado e figura cívica no posto de Melbourne, na Segunda Guerra Mundial, John Rogers foi convidado a promover sua versão dos australianos na guerra em inúmeros discursos no Anzac Day. Em contrapartida, a história de guerra de minha avó estava relacionada apenas à família. Da mesma forma, se a breve existência de Boyd Thomson era comemorada através dos folhetos comemorativos de poesias, a vida de Hector Thomson raramente era mencionada.

Minha identificação subconsciente com a lenda do Anzac certamente alimentou o desejo de explorar e compreender as experiências dos australianos na guerra. Apesar de nunca ter estado na guerra, as narrativas e identidades do Anzac faziam parte de mim e, assim, minha pesquisa foi, pelo menos em parte, uma tentativa de compreender a mim mesmo e de interpretar as contradições de minha própria identidade. Enquanto adolescente, acreditava nos mitos sobre o Anzac, mas achava incoerentes e contraditórias as emoções em torno da experiência e mitologia de minha família. Ficava intrigado

6 Australianos (gíria) (N. da T.)

com algumas vidas — tais como a de Hector Thomson — a qual não parecia se enquadrar na história. Quando cresci comecei a investigar minha criação e a tradição do Anzac, baseando-me na pesquisa histórica e influenciado pelo movimento de paz e pelo feminismo.

Percebi que os mitos de minha família sobre a guerra e a sociedade australiana representavam a experiência de uma classe específica. A história do Anzac, com a qual fui criado, era muito parecida com a lenda oficial e dominante — meu pai e meu avô Rogers estavam entre os homens públicos poderosos que falavam nos palanques no Anzac Day — mas eu suspeitava que outros grupos na sociedade australiana pudessem ter diferentes recordações da guerra e diferentes relações estabelecidas para com a lenda. Em 1983, como parte de um projeto de pesquisa para explorar a história e a política da lenda do Anzac, comecei trabalhar com as áreas industriais de Melbourne, para registrar as memórias dos *diggers* da classe trabalhadora. As entrevistas que conduzi enfocaram certos contrastes entre as experiências dos *diggers* da classe trabalhadora e minha percepção sobre a lenda do Anzac. Por exemplo, havia pouca fantasia ou heroísmo nas histórias de guerra que me contavam, e alguns homens abominavam as práticas autoritárias do exército. Claramente, muitos dos velinhos comparavam com ironia seus status como heróis nacionais com o modo como foram maltratados depois da guerra, e alguns se juntaram aos movimentos socialistas e pacifistas no período inter-guerras. Até certo ponto, as memórias dos veteranos da classe trabalhadora representavam uma história esquecida e até mesmo contraditória.

Contudo, as entrevistas também indicaram que as memórias desses *diggers* haviam se entrelaçado com a lenda de suas vidas, e que os veteranos adotavam e utilizavam-se da lenda do Anzac precisamente porque ela ganhara ressonância e também porque ela era útil para suas próprias lembranças. Durante sessenta anos a maioria destes homens foram membros de associações de veteranos e participaram das paradas do Anzac Day. Muitos deles liam a história oficial da guerra e contavam casos como se estes fizessem parte de suas próprias experiências. Em algumas entrevistas eu me sentia como se estivesse ouvindo a história do filme *Gallipoli*. As lembranças também eram reformuladas por situações do cotidiano e por emoções. Os velinhos solitários, às vezes, se entusiasmavam ao lembrar o companheirismo do AIF ou as aventuras da guerra, e ao reafirmar o orgulho da identidade masculina de seus tempos de Anzac.

Meu interesse nessa relação entre a lenda do Anzac e as memórias dos *diggers* foi mencionado no recente trabalho teórico sobre memória, subjetividade e “memória po-

pular”, incluindo os trabalhos de historiadores orais internacionais tais como Luisa Passerini e Alessandro Portelli, e de membros do Popular Memory Group (Grupo de Memória Popular) em Birmingham.⁷ O livro que conseqüentemente escrevi foi, entretanto, uma crítica à lenda do Anzac, que analisava como sua narração seletiva marginalizava ou limitava as histórias de vida dos australianos e australianas. Mas através de minhas entrevistas com os veteranos, fui levado a explorar as experiências e conseqüências da “vida acompanhada da lenda” e como ela influenciava ou não esses homens. Em vez de supor que as vidas e as memórias da classe trabalhadora, necessariamente, iriam desmascarar as poderosas memórias nacionais, comecei a perceber as contradições das vidas que se apresentavam a favor e contra as formações culturais dominantes. A experiência das entrevistas destruiu minhas singelas idéias a respeito dos australianos da classe trabalhadora, e impediu-me de explorar as narrativas dos *diggers* e compará-las às histórias de minha família e classe.

Minhas relações com a história oral também me ajudaram a compreender outras formas pelas quais estava envolvido nesse projeto específico. No decorrer das entrevistas comecei a perceber um comprometimento ou “envolvimento” emocional com os homens que estava entrevistando. Simpatizei particularmente com um dos primeiros — James McNair. Encantei-me com a alegria e a performance de suas lembranças, e com seu interesse por mim e pelo meu projeto. Fiquei impressionado com os detalhes de sua memória e as histórias esquecidas que ela revelava, mas também senti prazer em ser bem recebido em sua casa e em poder compartilhar de sua vida e de suas recordações. Descobri que gostava da companhia daqueles velhinhos, e que estava particularmente interessado nas vidas e nos estilos de vida da classe trabalhadora com os quais tive pouco contato durante minha criação. Comecei a perceber que meu envolvimento emocional com esses senhores — os homens “esquecidos” da classe trabalhadora — era uma forma indireta de reencontrar meu sempre ausente avô Hector. Isso também pode estar inconscientemente relacionado ao importante papel de minha educação, a qual fez com que a figura de um velho semi-reformado estivesse presente em minha infância.

7 Passerini, L. *Fascism in popular memory. The cultural experience of the working class* (Cambridge, 1987); Passerini, L. “Work, Ideology and Consensus Under Italian Facism”, *History Workshop Journal* (Outono de 1979), pp. 82-108; Portelli, A. *The death of Luigi Trastuli and other stories: Form and meaning in Oral History* (Albany, 1991); Portelli, A. “The Peculiarities of Oral History”, *History Workshop Journal* 12 (Primavera de 1981), pp. 96-107; Johnson, R. et al (eds). *Making histories: studies in history writings and politics* (London, 1982).

Os envolvimento emocionais foram o combustível para o meu projeto de história oral. Também comecei a suspeitar que o projeto era uma forma indireta de trabalhar não apenas com a história de minha família, mas também com a questão das relações estabelecidas por ela, e que assim estaria atingindo as raízes do conflito psíquico.

Não foi surpresa o fato de meu trabalho sobre a lenda do Anzac causar desgosto e revolta em minha família. Meu pai e meu avô Rogers acreditavam em suas versões sobre a lenda do Anzac — na qual os soldados australianos e os australianos em geral eram todos bons camaradas e igualmente capazes de atingir o limite de suas potencialidades — porque elas faziam sentido em suas experiências de sucesso social e militar e comprovavam suas crenças pessoais e políticas. A ênfase dada às qualidades dos soldados australianos e não à natureza e efeitos da guerra também colaborava para que eles guardassem na memória as dolorosas lembranças pessoais e compusessem um passado militar com o qual podiam conviver relativamente bem. As identidades pessoais estão entrelaçadas com as identidades nacionais, as memórias individuais ligadas às lendas públicas, e às análises críticas do Anzac, por conseguinte, inevitavelmente vão de encontro aos fortes envolvimento emocionais com o passado.

O primeiro esboço de meu livro, e particularmente o trecho autobiográfico, magoou e irritou meu pai, que em um longo sermão exigiu que eu retificasse o texto. Algumas das retificações relacionavam-se aos “erros factuais”. Por exemplo, ele me lembrou que os soldados australianos com os quais cresci nunca usaram “os engomados uniformes de cor cáqui”. Respondi que estava escrevendo o que eu *lembrava* daquela época, e que minha lembrança dos uniformes provavelmente foi influenciada pelas cores dos meus soldadinhos de brinquedo do exército australiano, pela cor cáqui presente nos filmes australianos de guerra e mesmo pelas próprias escritas autobiográficas de minha mãe, com as quais costumava refrescar minha memória. Ao mesmo tempo que concordava que era importante mostrar de que maneira minha memória fora distorcida, eu também queria provar que a memória, incluindo a memória de família, nunca é uma reprodução exata dos acontecimentos do passado, mas sim um complicado, contraditório e contestado conjunto de representações. A discordância entre meu pai e eu foi, em parte, uma discordância entre duas diferentes visões da história e de interpretação de historiador.

Nossa discussão girava também em torno da afirmação de divergência e independência de um filho, e da luta de um pai em defesa das memórias de seu *próprio* pai e da relação entre *eles*. Estas lutas revelam a dor psíquica causada pela discordância.

O parágrafo de minha autobiografia que mais causou indignação foi aquele sobre o pai do meu pai, Hector: eu relatei os fatos com “interpretações dolorosas e incorretas”. As informações injuriosas do parágrafo haviam sido retiradas de lembranças das conversas com meu pai e outros parentes, mas o primeiro rascunho, o qual incluía menções aos hospitais para doentes mentais, ao alcoolismo e aos fracassos paterno, social e econômico de Hector causaram extrema angústia. Eu queria redescobrir meu avô, para defini-lo como uma vítima da guerra, e para utilizar sua ausência na mitologia da família como um caso típico dos processos culturais de lembrança e esquecimento. Talvez também estivesse utilizando Hector, e o projeto de pesquisa sobre o Anzac, para explorar e contestar minha relação com meu pai. Não causou surpresa o fato de meu pai não querer que os “fracassos” de Hector fossem espalhados. Ele queria que eu reconhecesse e escrevesse que Hector havia sido um herói do Anzac — um modo de preservar a reputação de Hector, tanto de homem quanto de pai — e ainda reconhecesse quão sofrida havia sido sua infância e quão inadequada a educação que *ele* recebeu. Meu trecho autobiográfico arrancou as feridas psicológicas e revelou as questões emocionais dolorosas e mal-resolvidas nas duas relações — pai-filho e filho-pai.

Esse episódio lembrou-me que nossas histórias de vida nos afetam profundamente; que geralmente são mal-resolvidas, contraditórias e dolorosas; e que podem ser a dinamite emocional. Ele também me mostra que a história de uma pessoa pode penetrar e intervir na de outra e, por conseguinte, propõe questões éticas sobre a posse e controle da memória, e sobre os direitos e responsabilidades dos historiadores orais. Meu pai achava que a história de Hector pertencia a ele e, assim, a versão de nossa história de família, a qual foi publicada, incluiu as retificações propostas por ele, sendo, na verdade, uma história negociada.

Contestando o passado nacional

Certamente, a censura de meu pai também foi sustentada por uma clara discordância de minhas conclusões sobre a sociedade e a história australiana, as quais, segundo ele, eram “seletivas para provar uma concepção radical”. Sob esse aspecto, sua reação foi semelhante à dos historiadores e comentaristas conservadores que comandavam uma impetuosa resistência às recentes histórias revisionistas australianas. Por exemplo, num artigo intitulado “History as a Kangaroo Court” (A História como um Tribunal “Paralelo”), que foi publicado em um *IPA Review* de 1988 (periódico australiano aberto a

opiniões e comentários sobre realizações diversas), Tim Duncan ataca a versão da história da Austrália dada por historiadores jovens e radicais que fazem críticas em vez de enaltecerem o país e que culpam seus antepassados pelas falhas destas versões: “Algumas dessas pessoas podem não gostar de seu país e de sua história, mas elas não podem deixar de apreciar suas qualidades — uma realidade que todos os dias contradiz as coisas desprezíveis que elas escrevem”. O que Duncan está querendo dizer, especificamente, é que as histórias que seguem essa vertente, tais como a recente *People's history of Australia*, são histórias baratas que circulam livremente e que podem “vir a ser adotadas pelas escolas”. Ele atacou meu capítulo sobre os Anzacs nesse livro:

No que diz respeito a lenda do Anzac, de acordo com Alistair Thompson [sic], “ela esquece os australianos negros que lutaram contra a invasão do país deles (...) ignora as desigualdades e conflitos de classe e de status, de sexo e de raça. Os Anzacs simplesmente eram mais cruéis — matavam alemães como se estivessem matando coelhos — mas não eram mais habilidosos que outros soldados, nem mais defensores que seus companheiros.⁸

As recentes críticas à lenda de Anzac não pretendiam, necessariamente, depreciar os soldados australianos. Pelo contrário, argumentamos que, ao explicar as experiências australianas de guerra em termos de conquista e caráter nacional, os publicistas e historiadores conservadores que trabalhavam com o tema “ANZAC” reduziam a amplitude de nossos conhecimentos sobre ele, e excluía ou marginalizavam experiências pessoais que não se encaixam na homogênea lenda nacional. Além disso, ao afirmar que a lenda foi “evidentemente” criada pelos “próprios homens”, esses historiadores desprezam a especificidade da forma como a história dos soldados foi concebida e reproduzida pelos autores da lenda de ANZAC, e os contextos de mudança da cultura política e social australiana.⁹

Quando *Anzac Memories* foi publicado na Austrália para o Anzac Day de 1994, eu esperava reações críticas semelhantes àquelas causadas por meu trabalhos anteriores sobre Anzac (“Sussex historian upsets the Aussies”, “Fury on Anzac Cover-Up Claim”), e fiquei surpreso, satisfeito, porém intrigado, com a reação um tanto quanto diferente. O historiador conservador, Geoffrey Blainey — que recentemente havia se utilizado da

8 Tim Duncan, “History as a Kangaroo Court”, *IPA Review* 47, (Dezembro/Fevereiro 1988/89), pp. 53.

9 Veja John Robertson, *Anzac and Empire: The Tragedy and Glory of Gallipoli* (Sydney, 1990).

história para reivindicar os direitos da imigração asiática e das terras indígenas — concluiu que eu era o “líder de um grupo de guerrilha destruindo pontes e sinalizações de estradas e não o comandante de um exército vitorioso”. Mas o importante é que a crítica de Blainey enfocou minhas “errôneas” interpretações sobre os trabalhos e sobre o papel do historiador do Anzac, Charles Bean, e não comentou sobre o testemunho oral que é a essência do livro.¹⁰ Tenho impressão que é muito difícil atacar o livro porque os argumentos de *Anzac Memories* são baseados em testemunhos de homens que são considerados heróis e defensores da lenda do Anzac. Criticar *Anzac Memories* é ofender as memórias dos Anzacs e elas são sagradas e incontestáveis. Este impasse é inconveniente, em especial para historiadores conservadores, que preferem acreditar que os relatos de “pessoas comuns” confirmam suas visões sobre história e sociedade, e que o compromisso delas com o Anzac é mantido porque ele confirma as identidades nacional e histórica destas pessoas.

Ainda hoje, Anzac é uma memória repercutida e contestada na Austrália, e as reações ao meu livro indicam que a história oral pode desempenhar um papel estratégico nessa luta. A história oral pode contestar verdades históricas absolutas, verdades históricas aceitas, ou pelo menos, pode torná-las mais complicadas ou contraditórias. Ela pode nos ajudar a compreender como as memórias populares são criadas e reproduzidas, e como e porque elas influenciam ou não os indivíduos e a sociedade (tornam-se populares). Gostaria de pensar que é possível fazer história oral que conteste a prática cultural dominante (como Anzac) e ao mesmo tempo reafirmar experiências, identidades e recordações pessoais — mas não acho que seja fácil. Um dos dilemas de uma abordagem histórica que desafia as histórias nacionalistas de australianos na guerra — na verdade, as histórias de guerra de qualquer nação — é que ela pode ameaçar a postura pessoal que os veteranos descobriram através da lenda.

*A velhice e a relação estabelecida pela entrevista:
afirmação, resistência e novas recordações*

Um dos principais temas de *Anzac Memories* é que os veteranos de guerra renegociam suas memórias de guerra e suas identidades como soldados e veteranos durante

10 Geoffrey Blainey, “Heroes, Hales and The Making of a Mith”, *Sunday Age* — 15 de Maio de 1994. Para comparação veja Michael Mckerman, “How War Affects a Life”, *Sydney Morning Herald* — 23 de Abril de 1994.

suas vidas. Esta era seguramente a verdade sobre as lembranças dos veteranos na velhice. Por exemplo, ficou claro que para muitos dos homens que entrevistei as rápidas mudanças sociais e tecnológicas das últimas décadas foram difíceis de compreender ou aceitar. A concentração de adolescentes com roupas, linguagem e maneiras novas e chocantes no centro da cidade, ou o aumento do número de famílias de comunidades étnicas, que haviam se mudado para as ruas do subúrbio com suas linguagens e costumes diferentes, eram freqüentes nas conversas entre uma xícara de chá e uma entrevista, refletindo o isolamento social e os temores desse específico grupo de homens brancos da classe trabalhadora. Uma reação comum dos mais velhos ao desconforto do presente é compará-lo a um passado mais familiar e tranqüilo, ou então, transmitir o passado que enfatize o comportamento familiar, aceitável e apropriado. Podemos ver esta atitude no modo como Percy Bird, por exemplo, relatou sua infância utilizando termos idílicos (entrevista 1, página 7), ou Bill Langham que comparou sua própria juventude, prática e disciplinada, com aquela do “jovens de hoje” (2/35).¹¹

Outro importante aspecto da lembrança na velhice é a tentativa de articular e dar sentido ao passar da vida quando ela se aproxima do fim.¹² A maioria dos homens que entrevistei, claramente, apreciaram a chance de relatar e reviver suas histórias de vida. Como Fred Farrall comentou:

“Eu imagino que quando você fica velho, você passa a adquirir algum tipo de sentimento pelo que aconteceu em tempos passados” (1/52). Enquanto refletia sobre os efeitos da idade sobre a memória, Ern Morton concluiu que sua própria memória estava muito mais viva que há 20 anos (2/30).

Uma outra motivação para rever a vida é o desejo de assegurar que uma recordação dela, e das lições aprendidas ao longo do caminho, continue viva após a morte. As histórias de vida que ouvi, freqüentemente contadas nas entrevistas e em outros contextos, também deveriam ser ouvidas por filhos, netos e futuras gerações. Em alguns casos, a história de vida era contada para recuperar uma história esquecida e para provar que ela sobreviveu após a morte de seus narradores. Depois de discutir a necessidade

11 As referências das entrevistas no texto indicam o número delas e o número da página em que estão transcritas. As fitas e as transcrições encontram-se na biblioteca do Australians War Memorial (Memorial de Guerra dos Australianos) em Canberra.

12 Veja Joanna Bornat, *Reminiscence Reviewed* (Buckingham, 1994).

de lembrar dos homens e mulheres que haviam se oposto à guerra, Ern Morton encerrou nossa entrevista assim:

Bem, foi um prazer conhecer você. Eu suponho que agora não tenho muito tempo pela frente para contar minhas lembranças, mas só de saber que elas serão divulgadas, fico satisfeito. Já vale a pena (2/30).

O desejo de fazer um retrospecto da vida é movido também pela necessidade emocional de estabelecer um contato com questões e experiências mal-resolvidas, a fim de compor um passado com o qual possamos conviver e uma história de vida com passagens divulgadas e silenciadas. No final de minha entrevista com Charles Bowden perguntei: “Que importante consequência você acha que a guerra trouxe para sua vida?”

Bem, eu não sei se existe algum fato... notório em minha vida, de um modo geral — algo que mereça destaque, ou qualquer coisa assim. Sempre trabalhei muito, e minha preocupação desde que me casei tem sido cuidar de minha esposa e de meus filhos. Este é o meu principal objetivo na vida. Tenho feito tudo que posso por eles (1/39).

Ao contrário de quase todos os meus outros entrevistados, ele não se importava com o impacto da guerra e enfatizava sua satisfatória identidade como homem que sustentou a família.

O alistamento contra a vontade de sua esposa fez com que Charles Bowden abandonasse a família durante a guerra. Para reparar aquele erro e diminuir seu sentimento de culpa, ele trabalhou incansavelmente após a guerra e, então, em suas memórias, deu enfoque à sua identidade como arrimo da família e não como soldado. A ausência da guerra, observada na identidade e nas lembranças de Bowden revela o exato impacto causado por ela em sua vida.

Esse enfoque dado ao retrospecto da vida também nos lembra que a recordação é uma parte importante do processo de afirmação pessoal e pública do valor de uma vida. Ao lembrarmos e sermos lembrados podemos afirmar que nossas vidas valem a pena, que somos avaliados por nossas realizações e que somos ouvidos e respeitados como narradores das histórias da família ou comunidade. Sem dúvida, o espírito e o entusiasmo pela vida, dentre a maioria dos homens que entrevistei eram fortes, seguramente porque estes homens ainda sentiam que suas vidas e suas histórias de vida interessavam não apenas àquele historiador oral que estava fazendo a entrevista, mas também às suas relações sociais cotidianas. Este respeito por si mesmo era, indubitavelmente, reforçado

pelo status local como ex-soldados e pelo absoluto respeito social pela contribuição militar daquela geração.

Durante toda história a juventude de um soldado fora importante nas memórias da maioria dos veteranos, mas nos anos 80 o passado do Anzac atraiu novos interesses e novos públicos e tornou-se especialmente significativo para seus narradores. Naquela década, como seus números diminuam e suas experiências do tempo de guerra eram recrutadas em um renovado nacionalismo australiano, os Anzacs sobreviventes da Primeira Guerra foram festejados por políticos e pela mídia e tiveram suas histórias contadas e recontadas em novos livros, filmes e programas de televisão. Esta atenção, e a afirmação de seus papéis de destaque na história australiana, foi apreciada pela maioria dos velhos Anzacs. Muitos dos meus entrevistados comentavam que seus netos estavam mais interessados pelo passado do Anzac dos avôs, e que as fitas ou as transcrições eram recebidas com interesse pelos membros da família. Alf Stab contou à sua única irmã viva que eu iria entrevistá-lo sobre a guerra:

“Ah”, ela disse. “Finalmente!” “Finalmente por que? Nenhum de vocês nunca perguntou nada a respeito”, eu disse. “Eu não iria me oferecer para contar.” Estivemos na guerra mas não fazíamos muita questão de lembrar. Eu disse, “Eu não falaria da guerra para vocês.” “Nós sempre quisemos saber porque você nunca falou”. “Bem, vocês nunca perguntaram”. “Se tivessem perguntado eu poderia ter contado alguma coisa, mas agora...” “Essa entrevista vai ser publicada”, eu disse. “Acho que terei a fita gravada. Se você quiser posso emprestar”. “Ah, que bom!”, ela disse.

A história de Alf mostra como o contexto social em relação à recordação mudou com o passar dos anos, tornando possível a narração, e indica que a entrevista em si fora um fator importante no processo de novas recordações e afirmações.

A verdadeira relação que foi estabelecida em cada uma das minhas entrevistas também influenciou nas lembranças registradas. Na carta de apresentação que escrevi para os possíveis entrevistados, expliquei que seria importante conduzir essas entrevistas para assegurar que “as histórias dos australianos não serão esquecidas”, e para que “as futuras gerações de australianos lembrem-se de suas experiências”. Dessa forma, apelei e contribuí para uma possível auto-imagem dos velhos cidadãos que passavam suas histórias para as crianças da nação. Também mencionei que daria para cada homem uma cópia da fita e da transcrição da entrevista “a fim de que vocês possam compartilhar suas experiências com suas famílias”. Na prática, ficou provado que isso foi muito bem recebido e pode ter encorajado a participação, mas a consciência da participação familiar

pode também ter criado e limitado a natureza da recordação (sobre violência ou sexualidade, por exemplo) e mesmo impedido alguns homens de se envolverem.

Outros aspectos da relação estabelecida nas entrevistas tornaram-se significativos depois que nos encontramos e começamos a conversar. A presença do gravador indubitavelmente influenciou a recordação. Alguns homens ficaram tão absorvidos em suas narrativas que quase não foram afetados, mas outros tiveram plena consciência que estavam falando “para o gravador” e adotaram um tom mais formal e “histórico” quando o aparelho estava ligado. Ocasionalmente, eles me pediam para parar o gravador para falar sobre algum assunto mais delicado ou constrangedor. As recordações gravadas foram criadas, em parte, de acordo com as percepções do que era mais apropriado para audiência da família e da nação.

A lembrança da maioria desses homens foi influenciada também pelo modo como eles me viam — como jovem e como historiador. Eu tinha vinte e três anos quando conduzi a maior parte das entrevistas em 1983, e era jovem e forte. É possível que, como eu tinha quase a mesma idade deles quando soldados, minha presença jovem trouxesse lembranças daquela juventude, e talvez proporcionasse uma inconsciente transferência para mim dos sentimentos em relação a eles mesmos quando jovens.

Minha idade teve outra influência, mais óbvia e até mesmo mais explícita. Alguns dos homens comentavam que os jovens de hoje não se interessam pelas vidas e lembranças dos velhos. Bill Bridgeman comentou, “os jovens não se relacionam com os velhos. E você é jovem... você não se interessa pelos velhos malucos” (1/40). A entrevista e minha atenção às histórias proporcionaram grande prazer à maioria dos homens e, algumas vezes, estimularam o desenvolvimento de uma relação de interesse na qual pude suprir uma necessidade na vida daqueles velhos solitários frustrados e, no entanto, animados. Essa relação teria ocorrido de qualquer modo, não importando minha idade — a maioria desses homens queria apenas alguém para conversar. Mas minha evidente juventude também contribuiu para que eles adotassem o papel do velho relatando suas experiências para um jovem e para uma geração em geral mais jovem. Do meu ponto de vista, essa relação foi útil porque incentivou os homens a se abrirem para mim, apesar de também de ter sido limitada. As histórias que poderiam ser contadas para homens mais velhos ou outros veteranos, sobre sexualidade ou brutalidade, por exemplo, eram talvez consideradas impróprias para os meus ouvidos puros. Contudo, com frequência percebia que os homens estavam relatando experiências que no passado relutaram em contar ou foram incapazes de reviver, e que meu encorajamento e aparente compreensão contribuíram para que isso ocorresse.

A percepção de meu papel como historiador, a quem suas histórias, em geral, eram de interesse histórico, também facilitou essa receptividade. Meu interesse e minhas questões sugeriam que aspectos de suas vidas, sobre os quais poderia ser difícil falar, eram de importância histórica e em certos casos ajudaram a afirmar o valor de tais memórias. Por exemplo, o medo e o sentimento de culpa durante a guerra e a angústia no período pós-guerra eram assuntos sobre os quais alguns deles raramente haviam falado antes. Muitos comentavam que eu era a primeira pessoa para a qual haviam contado os detalhes de suas participações na guerra. A entrevista ajudou estes homens a superar o silêncio e foi uma boa oportunidade para articular e afirmar suas memórias de guerra. Claramente, a natureza da confissão à qual se tem acesso em uma entrevista de história oral tem um efeito importante no tipo de recordação a ser trazida à mente.

Com cinco dos veteranos fiz uma segunda entrevista, sobre “memória popular”, na qual explorei suas recordações de forma mais profunda, enfocando as relações entre entrevistador e entrevistado, memórias pessoais e coletivas, e memória e identidade. Também explorei as formas como a recordação é influenciada pelas “estratégias de repressão”, pela administração do fracasso, pela perda ou dor que é revelada nos silêncios, nas repentinas mudanças de assunto ou constantes repetições, nos sonhos, nos *enganos freudianos*¹³ ou na linguagem do corpo.¹⁴ Alguns homens resistiam ao meu questionamento temático, preferindo recontar as histórias comuns de guerra da forma e na seqüência a que estavam acostumados. Outros, em contrapartida, recebiam bem as novas questões e a oportunidade de discussão e de recordações diferentes.

Trechos das entrevistas com Percy Bird e Bill Langham sobre experiências de trincheiras demonstraram estas diferentes reações. Por exemplo, Bill Langham contou a seguinte história com uma evidente expressão de dor em seu rosto:

“Uma das piores coisas que eu... coisas que não gosto... É muito duro dizer, mas quando avançamos em 4 de agosto [1918]... estávamos levando o material bélico. Tínhamos que passar por aquele caminho... havia apenas aquela trilha para o caminhão e a tropa seguirem. E você sabe, estava cheio de alemães mortos ali. Não podíamos desviar. Tínhamos que passar por cima. Tínhamos que passar por cima deles... Isso sempre foi muito... é algo que... é difícil explicar. Dói muito pensar nisso, que tivemos que... tivemos que conduzir o caminhão por cima daqueles alemães mortos. É um sentimento terrível. (1/12-13)

13 Engano que presumivelmente sugere um motivo subjacente, não raro de natureza sexual ou agressiva.

14 Veja Alistair Thomson, “The Anzac Legend: Exploring National Myth and Memory in Australia”. In Raphael Samuel e Paul Thompson (eds), *The Myths We Live By* (London, 1990) 73-82.

Ver e ouvir “os equipamentos e as rodas dos caminhões esmagando aqueles corpos” causou traumas porque Bill foi forçado a quebrar fortes tabus sobre a inviolabilidade do corpo. Isso também fez com que ele imaginasse que eram “os nossos companheiros (talvez até ele mesmo) que estavam sob as rodas, e mostrou que todos os soldados eram apenas corpos que podiam ser mutilados” (2/15). Mais tarde, na entrevista, Bill comentou que tais histórias eram “tabus” nas reuniões do grupo, nas quais os casos que lembravam os bons tempos e o companheirismo eram mais apreciados. Contudo, as histórias dolorosas não eram esquecidas. Numa passagem reflexiva, Bill, de forma comovente, descreveu como ele administrou os traumas e as dores de suas recordações:

Às vezes, se você pára e começa a pensar, todas aquelas recordações vêm à sua mente. Então você gostaria de ter alguém para conversar para poder esquecer aquelas coisas. Isso geralmente acontece comigo à noite, quando volto àqueles tempos. É engraçado... você nunca se livra delas. Estão sempre presentes. Contudo, com o passar do tempo, elas se tornam mais brandas e não são mais tão terríveis como eram no início. Como tudo na vida, você acaba se acostumando com elas. Porém, você tem sempre que tentar se lembrar — como eu disse que fazíamos — das coisas e incidentes engraçados que ocorreram. Ocasionalmente, entre eles algumas daquelas recordações se farão presentes. Então, é hora de voltar à realidade, e como eu disse, a melhor coisa para trazer você de volta à realidade é a música. (2/21-2 e 32)

Esta passagem revela como o passado sempre pode ser um terreno perigoso, e que as memórias angustiantes podem surgir espontânea e inesperadamente. Contudo, as memórias de Bill não se tornaram mais brandas (como ele disse: “agora são apenas lembranças e eu tenho que me acostumar com elas”) simplesmente porque são feridas que o “tempo cicatriza”. Pelo contrário, “acostumar-se com as memórias” para que elas sejam menos angustiantes era um processo social em vigor — ocorrendo particularmente nas reuniões dos veteranos — através do qual certas lembranças eram enfatizadas enquanto outras descartadas ou ignoradas, ou eram trabalhadas de forma agradável. A entrevista em si fez parte desse processo. Embora ainda sofresse com muitas de suas memórias de guerra, Bill Langham reagiu de forma positiva às minhas perguntas e parecia usar a relação estabelecida pela entrevista para expressar as lembranças dolorosas e lidar com elas, e mesmo para dar novo sentido às velhas histórias. A recordação de Bill Langham me fez perceber que a experiência nunca termina, mas está constantemente sendo reexplorada e reintegrada.

Em contrapartida, para Percy Bird a relação estabelecida pela entrevista foi perturbadora quando tocou nas memórias com as quais ele nunca havia conseguido se acos-

tumar, e as quais ele queria evitar. Por exemplo, os silêncios e recalques nas lembranças de Percy Bird indica que ele não reagiu bem aos bombardeios que fizeram parte de sua vida em *Western Front*.¹⁵ A função da unidade de Percy quando ele entrou na linha de fortificação pela primeira vez, em agosto de 1916, era cavar trincheiras para outros batalhões, sempre sob intenso fogo de artilharia e sofrendo graves ferimentos, não podendo de forma alguma reagir aos bombardeiros. De acordo com sua história sobre o batalhão foi “uma época de uma passividade irritante para o Quinto [Batalhão]”.¹⁶ No entanto, toda vez que eu perguntava a ele o que era estar sob o fogo de artilharia ele mudava de assunto e voltava aos casos engraçados — que eram as histórias mais comuns de Percy — das reuniões do destacamento atrás das linhas de fortificação ou dos lamaçais nos quais ficavam atolados. Ele não se oferecia para contar as histórias e os odores e sons das trincheiras, sobre seu próprio sofrimento sob a artilharia de fogo, ou sobre as mutilações e mortes de seus companheiros. O máximo que ele conseguiu dizer na primeira entrevista, antes de mudar de assunto, foi: “Acho que todos nós tínhamos medo, mas todos permanecemos juntos” (1/15).

Na segunda entrevista, talvez porque houvesse maior intimidade entre nós e porque, claramente, eu estava tentando fazer com que ele deixasse de lado aquelas histórias, ele expressou um pouco mais esses sentimentos. Ele disse que não gostava de assistir os seriados de televisão sobre os *Anzacs* porque traziam tristes lembranças dos companheiros mortos. Após minhas insistentes perguntas sobre seus sentimentos, ele apressadamente contou as passagens dolorosas que não foram reveladas em suas anteriores recordações escritas ou faladas — como aquela em que ele assistia, sem poder fazer nada, outro batalhão ser aniquilado, ou em que dois NCO's¹⁷ foram mortos por bombas logo depois de Percy ter se afastado deles — antes de mudar de assunto novamente. (2/6 e 24)

O modo como Percy contava essas histórias e evitava falar sobre elas indica que, como muitos outros, ele ficou extremamente traumatizado com essas experiências na linha de fogo. Apesar de negar que seus nervos ficaram abalados, ele comentou: “Para nós, escapar de lá foi um alívio. Tenho que admitir isso” (1/21). Nenhuma de suas histórias afirma seu valor como homem combatente, e este papel é virtualmente excluído

15 Áreas da França e Bélgica onde ocorreram várias batalhas durante a Primeira Guerra Mundial (N. da T.)

16 Keon, W. A. *Forward With The Fifth* (Melbourne, 1921), p. 177.

17 *Noncommissioned Officer* (Oficial não comissionado) (N. da T.)

de suas lembranças porque Percy não se sentia seguro ou tranquilo em relação a ele, nem na época nem posteriormente. A prova do trauma do bombardeio está nos silêncios de suas lembranças. As experiências e os sentimentos traumáticos ou foram afastados das lembranças conscientes, ou colocados num “canto isolado” da memória de Percy, de onde só saíam sob pressão, em resposta a certas investigações ou através de associações e de sonhos, mas nunca se fizeram presentes em suas histórias contadas. Ao contrário de Bill Langham, Percy Bird não quis reviver e recordar aquelas experiências traumáticas.

Minha entrevista com Percy Bird e outros veteranos criou dilemas éticos para mim enquanto historiador oral. A entrevista que toca as memórias reprimidas e que se aproxima da relação terapêutica pode ser interessante ao entrevistador, mas prejudicial ao entrevistado. Questões que fazem lembrar desigualdade, humilhação ou medo podem trazer lembranças traumáticas e dolorosas. Às vezes, eu tinha que interromper uma seqüência de questões durante a entrevista, ou me pediam para interromper, porque aquilo estava sendo doloroso. Ao contrário do terapeuta, eu, enquanto historiador oral, não estava lá para juntar os pedaços das memórias que não mais estavam mantidas em segurança. Por outro lado, as questões compassivas e as novas narrativas históricas podem permitir que indivíduos — como Bill Langham ou Alf Stabb — recuperem ou explorem aspectos do passado pessoal que foram silenciados ou reprimidos, e podem facilitar a reparação e a reconciliação com o passado.

O trabalho da história oral que explora e questiona os processos de recordação propõe um segundo dilema com dimensão política. É relativamente fácil cooperar na produção de uma história que confere uma confirmação pública às pessoas cujas vidas e memórias se tornaram limitadas e que desafia suas opressões. Mas para *Anzac Memories* usei o testemunho oral para explorar e questionar uma lenda que representava para a maioria dos homens que entrevistei um refúgio seguro, e sendo assim eles não podiam concordar com todas as minhas conclusões ou aceitar que suas memórias e histórias fossem contestadas. Mostrei a alguns deles trechos de meu trabalho baseado nas entrevistas, e pedi para que eles lessem e sugerissem correções. Contudo, a maioria dos velhos *diggers* ou morreram antes que isso acontecesse, ou não estavam bem de saúde o suficiente para manter interesse no projeto. Como meu projeto envolvia entrevistados mais jovens, como por exemplo veteranos do Vietnã, suspeitei que alguns deles contestariam minha abordagem e minhas descobertas. Por um lado, historiadores orais podem achar que eles próprios não têm o direito de usar a memória das pessoas para

criar histórias que são polêmicas ou críticas perante seus narradores e que isso envolve uma violação da responsabilidade e da confiança. Por outro, podem achar que eles têm outro dever para com a sociedade e para com a história — responsabilidade de contestar os mitos históricos que dão poder a algumas pessoas às custas de outras. Talvez todos os pesquisadores vivam com esse dilema, mas para historiadores orais ele é particularmente mais difícil porque nós estabelecemos relações pessoais com nossas fontes.

Se eu fosse iniciar um projeto semelhante hoje, continuaria com a abordagem da história da comunidade — e o conceito de “uma autoridade dividida” adotado por Michael Frisch — a qual envolveria pelo menos alguns dos narradores (talvez membros de um grupo de veteranos) em entrevistas e nas etapas do processo de criação da história de um projeto de história oral.¹⁸ Este trabalho coletivo, necessariamente, não resolveria a tensão entre uma abordagem que procura explorar a lembrança e o fato que os participantes podem não se sentirem capazes ou dispostos a interrogar suas próprias vidas e memórias desse modo. Na verdade, um projeto coletivo poderia tornar essa tensão explícita e assim causar embaraços e sofrimentos. Contudo, como é freqüente o caso em projetos de história participativa, a exploração coletiva das histórias de vida poderia também ajudar as pessoas a reconhecer e avaliar experiências que foram silenciadas, e a lidar com os aspectos difíceis e dolorosos do passado de suas vidas.

18 Frisch, M. *A shared authority: essays on the craft and meaning of oral and public history* (Albany, 1990).